

PARÓQUIA nova

Ano XXXII - Nº375/376
Novembro/Dezembro 2024

DIRECTOR: P.º ARTUR COUTINHO

Preço avulso
1.00 €

Paróquia de N.ª S.ª de Fátima
Viana do Castelo

AVENÇA

Bimestral



PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL



TAXA PAGA
PORTUGAL
(ALTO MINHO) VIANA DO CASTELO

Mensagem de Natal / 2024

«O Verbo fez-se homem e habitou entre nós e nós vimos a Sua glória, glória que Lhe vem do Pai, como Filho único cheio de Graça e de verdade» (Jo.1, 14)

Ano após ano somos convidados a celebrar o acontecimento do nascimento de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, que Incarnou, se fez um de nós, para renovar a nossa humanidade.

Celebrar um acontecimento provoca em quem celebra a experiência sempre nova, como fosse a primeira vez, de modo a colher os efeitos que este produz naquele que o celebra.

Isto mesmo deve acontecer com o Natal. Celebrar o nascimento de Jesus de Nazaré não poderá revestir-se tão só de uma recordação de um passado, mas exige que seja vivido com a mesma intensidade de modo a oferecer à pessoa, homem e mulher, de hoje o que foi vivido e experienciado pelos que na primeira hora se deixaram tocar e deslunbrar pela presença do Filho de Deus que se apresenta na fragilidade de

uma criança, recém nascida.

....(Desenvolvida em 6 pontos.)

Termino, expressando os meus votos de santo e feliz Natal para todos os diocesanos, os que estão no nosso território e os que estão na diáspora, às famílias, às crianças, jovens e idosos, mas sobretudo aos mais pobres e marginalizados, aos que estão presos e aos doentes e a viver na solidão.

Imploro de Nossa Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe, Nossa Senhora do Minho, Nossa Senhora da Peneda, de S. Bartolomeu dos Mártires, de S. Teotónio, de S. Paulo VI e de S. João Paulo II que abençoem todos os diocesanos de Viana do Castelo.

Viana do Castelo, 8 de Dezembro de 2024

+João Lavrador, Bispo de Viana do Castelo

Com a Virgem Maria faço Caminho III

Quanto a pobres, no conceito da altura, e naquelas terras, conheci um caso em Arga de Cima, um em Arga de S. João, mas estava encostado a uma família de coração rico e generosa, dois casos em Dem. Um deles, no dia da consoada, antes de vir para a família, fui a sua casa e como não atendeu falei à vizinhança e alguém subiu ao telhado e viu depois de remover umas telhas que ela estava caída no chão da cozinha e presumia-se morta. Abriram a porta e estava de facto. O funeral foi feito no dia de Natal, dia 25 pelas 12.00H.

Desde o mês de novembro a março, não tinha que comprar carne porque todos matavam o seu porquinho e repartiam com um presente ao senhor padre.

As pessoas eram excessivamente generosas. As Paróquias tinham poucas famílias, cerca de 120 famílias na maior, era a de Dem; 55, em Arga de Baixo; 46, em Arga de Cima e a mais pequena 22, a de Arga de S. João.

Quando vim para esta Paróquia, verifiquei que o meu antecessor, economicamente, recebia menos que eu na Serra. Era uma Paróquia nova que ainda não tinha bem uma consciência de Comunidade. Nem residência paroquial havia.

A minha experiência na Serra d'Arga foi uma experiência saudável, uma aprendizagem em todos os aspetos, religiosos, políticos, sociais, e culturais

que muito me fez crescer para a vida.

Ainda hoje vou à Serra d'Arga e toda a gente me respeita, claro, os mais velhos, aqueles que me conheceram nas catequeses, que fundei, e foi por aí que comecei. Depois de sair das Argas e Dem levei os jovens desta paróquia a acampar no S. João de Arga, durante 20 anos e sempre os acompanhei na descoberta da cultura serrana e todos os dias ao fim da tarde tinham formação e Eucaristia. Depois da Ceia era o serão em que cada grupo apresentava relatório do dia de trabalho.

Nas 4 paróquias, onde entrei no dia 2 de outubro, pelo Natal já tinha catequeses e catequistas nas em todas as paróquias que até ali não havia. Foi luta dura da minha parte porque não foi fácil, mas a Virgem Maria lá estava a tocar nos corações, nas almas dos pais, dos avós e dos jovens que acabaram por reconhecer que era necessário serem eles a conhecer Deus e anunciá-lo aos mais novos, de um modo particular, às crianças. A Missão não era exclusiva do padre.

Também, nesse ano começaram as obras da Igreja de Arga de Baixo.

De lá regressei em 30 de agosto de 1978, depois das festas de S. João Baptista, pois tinha sido nomeado Pároco de Nossa Senhora de Fátima, onde ia entrar em 2 de Setembro.

A. C.



Paróquia com 57 anos

57º Aniversário da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima (08-12-1967 – 08-12-2024)

No 57º aniversário da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, que celebramos conjuntamente a 08-12-2024, proponho uma reflexão em torno das origens desta comunidade e do que ela representa para nós hoje.

Para formar uma Comunidade, tem de haver "comunhão", de pessoas e destas com a Santíssima Trindade. É dessa "união", alimentada na Eucaristia, que se assinala e renova o sentido de "ser" da Paróquia.

Na sua definição formal, conferida pelo Código de Direito Canónico, "Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular (Diocese), e o seu cuidado pastoral é confiado ao Pároco, como seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo Diocesano." (C.515). Portanto, para formar uma paróquia, em primeira instância, tem de haver comunidade de fiéis (condição que certamente acompanhou a criação da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima em 1967).

Noutra perspetiva, baseada na origem da palavra, Paróquia provém do grego "Pará-oikia", que associa dois termos fundamentais para a sua compreensão. "Oikos" que significa casa e "Pará", que significa ao lado, traduzindo a ideia de proximidade. Temos, pois, o dever de contribuir ativamente para que as paróquias sejam esse referencial de "casa comum",

onde todos se sintam acolhidos, bem recebidos e integrados nas atividades e movimentos. Uma casa onde se escuta a palavra de Deus, onde se partilha o pão, onde se pratica a caridade e onde se vive em comunhão. A Paróquia ideal não existe, pois está sempre condicionada pelas limitações humanas e materiais, mas creio que na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima vivenciamos essas dimensões comunitárias.

As paróquias são escolas de fé e, sobretudo, de generosidade e serviço à comunidade. São extensões da nossa casa ou agregado familiar, destinadas ao encontro com os irmãos e irmãs em Cristo. Ter fé é uma questão pessoal/individual, mas não pode existir sem uma dimensão comunitária.

Como refere o Papa Francisco, "As paróquias devem voltar a ser escolas de serviço e generosidade, com as suas portas sempre abertas aos excluídos. E aos incluídos. A todos". Neste sentido, somos convidados a refletir sobre nossa presença e participação na construção da "comunidade de comunidades", que para o cristão se torna nova casa.

No atual contexto cultural, que é profundamente influenciado pelos meios de comunicação social e pelas redes sociais, a Igreja desempenha um papel precioso de apoio às famílias, a começar pela iniciação cristã, que deve ser desenvolvida através de comunidades

acolhedoras. Ninguém quer integrar uma comunidade na qual não seja bem acolhido, e uma comunidade que não sabe acolher "todos", não está ao serviço de Deus.

A nossa comunidade paroquial surgiu em torno da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, que integra o antigo Convento das Carmelitas (Séc. XVIII), e da sua estreita ligação com os moradores da zona envolvente da rua da Bandeira. Mesmo depois da extinção das ordens religiosas (decretada no decurso da primeira república por Afonso Costa - 1910), que levou ao encerramento e abandono da igreja, os moradores desta zona permaneceram fiéis às tradições e práticas religiosas dominicais (formaram um centro de catequese, asseguravam missa dominical e a realização das principais festas religiosas), constituindo aquilo que podemos hoje considerar a comunidade paroquial primordial (com a denominação de "Comissão da Igreja das Carmelitas").

Face ao crescimento do aglomerado populacional nesta zona nascente da cidade de Viana do Castelo, em 1967, D. Francisco Maria da Silva (arcebispo Primaz de Braga) cria uma Paróquia sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima, tendo para o efeito nomeado o Padre António da Costa Neiva como Pároco.

Nestes 57 anos de comunidade

(Continua na página 3)

Nas raízes do Jubileu

Costuma-se remontar a realidade germinal do "jubileu" ao som da trompa de um carneiro: o eco vinha de Jerusalém, perfurava o ar e saltava de aldeia em aldeia. Ora, no texto hebraico de todo o Antigo Testamento, o termo jobel aparece vinte e sete vezes: seis vezes não há dúvida de que se trata do chifre do carneiro,

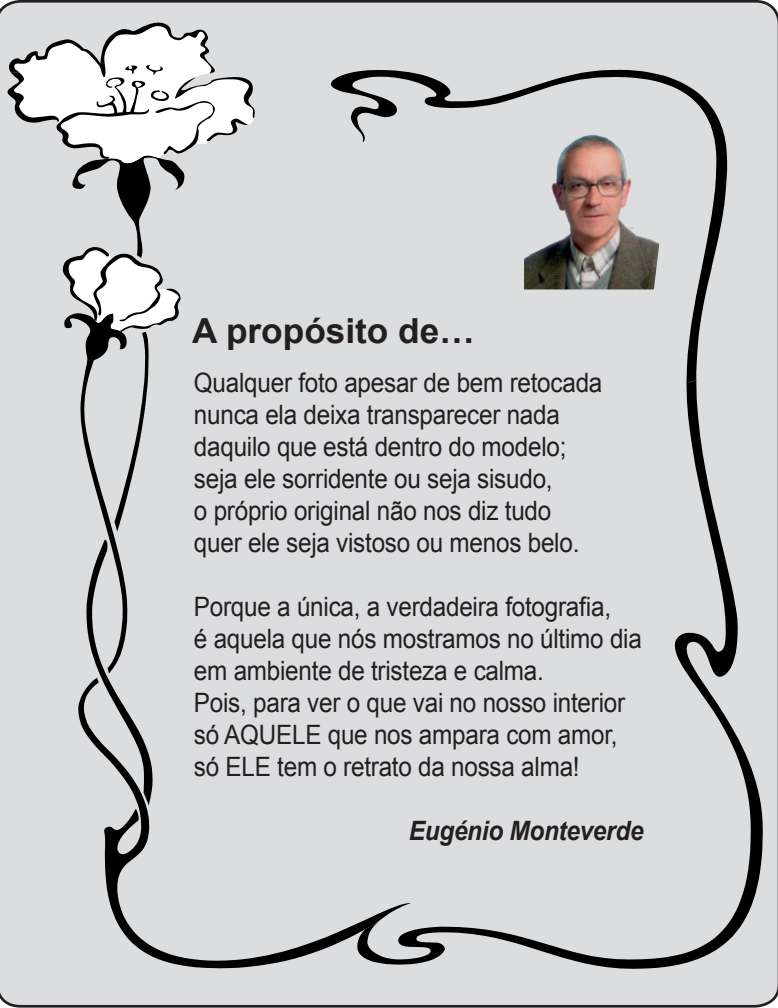
enquanto as outras vinte e uma vezes se refere ao ano jubilar. A página fundamental de referência é o capítulo 25 do livro do Levítico. Trata-se de um texto complexo, incluído no livro dos filhos de Levi, portanto dos sacerdotes, um livro cerimonial de regulamentos minuciosos e meticulosos relativos à ritualidade própria do templo de

Jerusalém.

Uma premissa filológica

O termo jobel ressoa principalmente nesse texto, mas também se encontra no capítulo 27. A antiga versão grega da Bíblia, tradicionalmente conhecida como Septuaginta, quando confrontada com esta palavra - jobel - em vez

(Continua na página 2)



A propósito de...

Qualquer foto apesar de bem retocada nunca ela deixa transparecer nada daquilo que está dentro do modelo; seja ele sorridente ou seja sisudo, o próprio original não nos diz tudo quer ele seja vistoso ou menos belo.

Porque a única, a verdadeira fotografia, é aquela que nós mostramos no último dia em ambiente de tristeza e calma. Pois, para ver o que vai no nosso interior só AQUELE que nos ampara com amor, só ELE tem o retrato da nossa alma!

Eugénio Monteverde

Nas raízes do Jubileu

(Continuação na página 1)

de a traduzir com o recursivo “jubileu”, ano jubilar, traduziu-a segundo um cânone interpretativo: áphesis, que em grego significa “remissão”, “libertação” ou ainda “perdão”. Esta palavra será muito importante para Jesus, porque - como veremos - ele não fala de jubileu, mas usa no grego de Lucas precisamente o termo áphesis. Com efeito, no Novo Testamento nunca se encontra a palavra “jubileu”.

Os Setenta, esses antigos tradutores da Bíblia, passaram, portanto, de um dado cûltico requintadamente sagrado (a celebração do ano jubilar que começa com o toque do chifre do carneiro numa data precisa, em ligação com a solenidade do Kippur, ou seja, a expiação do pecado de Israel), para um conceito ético, moral, existencial: a remissão das dívidas, a libertação dos escravos (que era o conteúdo do jubileu). O tema do jubileu foi, portanto, deslocado da linguagem e do ato litúrgico para a linguagem e a experiência ético-social. Este elemento é também relevante hoje, para não reduzir o jubileu cristão apenas à celebração ou ao ritual, ainda que básicos, mas para o transformar num paradigma de vida cristã.

Alguns estudiosos pensaram que o termo jobel não deveria estar ligado ao som do chifre do carneiro, mas à raiz hebraica jabal, que significa também “recuar, restituir, mandar embora». No

entanto, a interpretação parece um pouco forçada, pois este “mandar embora” não indica necessariamente libertação, não tem o respiro do termo grego áphesis, acima mencionado, retomado com particular ênfase pelo próprio Jesus. Outras tentativas filológicas ofereceram explicações diversas, mas é preciso reconhecer que o elemento de partida é um dado ritual. Supõe o som do chifre do carneiro que marcava o início de um determinado ano, no décimo dia do mês outonal de Tishri, que corresponde aproximadamente ao nosso setembro-outubro, mês em que também caía o Kippur.

É interessante notar que na língua fenícia, de certa forma a irmã mais velha do hebraico, a mesma raiz, ou seja, as três consoantes subjacentes à palavra jobel, ou seja, jbl, denota o “bode”, um componente significativo do próprio Kippur. Não há dúvida, portanto, de que o som da buzina, o seu cadenciar de um tempo sagrado, está na base do termo “jubileu”, mas a tensão que conduz ao outro polo, o da tradução grega, não deve ser esquecida: não é apenas um ritual, é um elemento que deve afetar profundamente a existência de um povo. Depois desta introdução, tentemos recolher e ilustrar alguns temas jubilares fundamentais, que aparecem, de certa forma, interligados.

GIANFRANCO RAVASI
(Continua próximo número)

Igreja da Sagrada Família

Ajude-nos a cumprir os nossos compromissos bancários e a acabar a obra.

Seja generoso nos ofertórios das missas.

Também pode dar um donativo extra.

IBAN CGD PT50 0035 0751 0000 6303 7304 3
IBAN Caixa Noroeste PT50 0045 1436 4022 8452 5397 9



Sabia que...? (117)

1. a espécie de castanheiro mais comum em Portugal viajou da Ásia Oriental para a Europa há cerca de 55 milhões de anos?
2. a doença da tinta, uma praga que afecta os castanheiros, é provocada pelo fungo *Phytophthora cinamomi*, um microrganismo que vive no solo e que ataca as raízes do castanheiro impedindo-o de absorver os nutrientes e água conduzindo assim à morte da árvore?
3. quando antes de morrer, naquela que seria última execução por condenação à morte do homicida Matos Lobo, em Lisboa, em 16 de Abril de 1842, o prior de Marvão caiu subitamente morto fulminado por uma apoplexia?
4. a pesar de Portugal ser considerado o primeiro país europeu a oficialmente a abolir a pena de morte, na verdade essa primazia pertence ao grão-ducado da Toscana que já desde 1876 não aplicava de forma permanente a pena capital?
5. Gabriel Ançã (Ilhavo 1845-1930), além de arrais, pescador, foi um intrépido lobo-do-mar que, por maiores que fossem os perigos, nunca hesitou perante a emergência de socorrer quem necessitasse tendo salvado mais de 120 pessoas de morrerem no mar?
6. no Paço Ducal de Vila Viçosa, a mais importante casa nobre portuguesa, foi descoberto um documento do italiano João Baptista Venturino da Fabriano, secretário do cardeal Alexandrino Miguel Bonello, relatando a existência da criação de escravos como se fossem cavalos reprodutores?
7. o celibato, a que ainda hoje estão sujeitos os padres católicos em virtude da sua ordenação sacerdotal, só começou a ser utilizado no século XI tendo sido tornado obrigatório no século XVI com o Concílio de Trento?
8. houve um grande equívoco na a atribuição de louvores aos comandantes, oficiais e soldados que participaram na Batalha de La Lys no dia 9 de Abril de 1918,

sendo atribuídos actos de grande heroísmo aos que se refugiaram em La Couture, quando, na verdade, os verdadeiros heróis foram um punhado de oficiais e soldados que enfrentaram os alemães ao lado das tropas escocesas?

9. nas margens do Lago Tencana, no Quénia, foi encontrado o crânio muito completo de um símio com 13 milhões de anos e que tratando-se de um elemento pertencente a um dos antepassados comuns (humanos e actuais símios) muito pode contribuir para o conhecimento da evolução dos homínídeos até à espécie humana?

10. segundo um estudo publicado na revista Natureza Ecology & Evolution, o chocolate deve ter tido origem há 5400 anos, não na América central, como até agora se pensa, mas, na América do Sul, mais propriamente no Equador?

Se não sabia, ficou a saber.
Nunca é trade para aprender
Albino Ramalho

Passo a Passo... (100)

20 séculos de cristianismo

A travessia do século XX...

VATICANO II – Um Concílio surpresa – Em 1923, o Papa Pio XI tinha pensado num Concílio para reconciliar a cristandade que estava dividida por causa de duas guerras sucessivas. Pio XII pensou nisso, em 1948, para condenar os erros modernos, definir o dogma da Assunção e realizar a reforma do direito canônico - utilizou-se a palavra “aggiornamento” foi usada nesta ocasião. O Papa chegou a criar uma comissão para trabalhar sobre este projeto, mas ele achou finalmente que seria mais simples de realizar ele sozinho os dois primeiros objetivos e reenviou o último ao seu sucessor. Durante o Concílio que elegeu o Papa João XXIII, em 1958, ouvia-se dizer que um Concílio seria bem útil à Igreja, porque havia tantos problemas a resolver que na época do Trento, nomeadamente no que dizia respeito entre a Igreja de Roma e as Igrejas locais. Outros diziam que era necessário retomar o Concílio do Vaticano I, interrompido pela guerra de 1870. A ideia dum Concílio existia mesmo mas informal e inconsistente. Vários arquivos foram constituídos nos arquivos romanos, mas dispersos e sem um projeto organizado. Daí a surpresa do anúncio do Papa João XXIII em 1959.

Diálogo com um mundo novo – A Igreja começa a ter um olhar diferente sobre o mundo. Ela quer dar ao mundo uma nova imagem dela mesmo, porque ela deseja tomar uma posição diferente do passado. Durante muitos séculos, ela tinha vivido com as sociedades europeias em estado de cooperação e até de interpretação: era o que se chamava o tempo da cristandade. A partir do século XVII e sobretudo do século XVIII, as sociedades conquistaram as suas autonomias e afastaram-se da Igreja, e a razão seria libertarem-se da fé, a vida social e política se seculariza. O sentimento de rejeição, a Igreja rejeita por sua vez este mundo novo. As Encíclicas Papais do século XIX condenam violentamente aquelas

que ela chama de «ideias novas». É sobre este ponto que a novidade do Concílio Vaticano II, rompe com uma tradição multiseccular de anátemas que brilha.

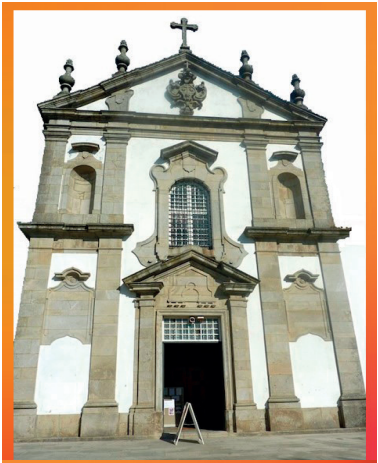
Na constituição pastoral *Gaudium et Spes* (1965), o Concílio declara a sua intenção de «se dirigir, não só aos filhos da Igreja, e dos que reclamam serem de Cristo, mas a todos os homens», com a única intenção de por a Igreja ao serviço do homem. A Igreja não quer se meter numa postura de ditar mas «dialogar em conjunto com a família humana sobre os diferentes problemas, esclarecendo á luz do Evangelho».

O primeiro capítulo da *Gaudium et Spes* intitula-se «a dignidade da pessoa humana» e exalta á «dignidade da inteligência», «do conhecimento moral» e «da grandeza da liberdade». O Concílio reconhece que o ateísmo pode ser provocado por certas atitudes religiosas, e também cristãs, mas recusa que isso possa impedir «todos os homens, crentes e não crentes de se aplicarem á justa construção deste mundo, no qual vivemos em conjunto». Falando em seguida da comunidade humana, (capítulo II), o Concílio diz que ela tem como obrigação a procura do bem comum, o respeito da pessoa humana, a continuação da igualdade e da justiça entre os homens. Acrescenta ainda no (capítulo III) que todas as atividades humanas espalhadas pelo mundo, o progresso das ciências e das técnicas, e reconhece «autonomia das realidades terrestres» tudo mas sublinhando a sua ligação a Deus. E conclui defendendo «o bom desenvolvimento das trocas entre a Igreja e o mundo, e a sua ajuda mutua em todos os domínios que lhes são de alguma maneira comuns» (capítulo IV): A Igreja reconhece que ela « recebeu da história e da evolução humana», e declara-se pronta a receber ainda muito do mundo exterior.

Assim foi proclamado ao Vaticano II a reconciliação d Igreja e do mundo moderno. Ela foi precedida por pouco da célebre Declaração sobre a liberdade religiosa (07.12.1965), objeto depois de discussões, porque a ideia da liberdade religiosa era aquela que foi a mais vezes condenada pelo papado do século XIX, tanto ela se parecia se opor ao caracter absoluto e universal da verdade católica. O Concílio admite que esta ideia não está explicitamente afirmada pela revelação cristã, embora ela se enraíze no respeito manifestado por Cristo em relação á liberdade humana. E é na consciência natural da «dignidade da pessoa humana» que o Concílio descobre e declara o fundamento da liberdade religiosa.

A propósito da Igreja, a novidade foi quando o Concílio aplica a expressão de «povo de Deus». Eminentemente bíblico, e bem recebido pelos protestantes, ela cria uma linguagem comum para falar com eles. Bem acreditada

(Continua na página 3)



IGREJAS ABERTAS

Para se recolher no silêncio, Orar, Ler algo., Sentir-se no seu lugar, Observar arte

Conversar tudo o que deseja partilhar, o que o preocupa. Tudo o que pensa, Tudo o que acredita...

Pela Comunidade

Festas de Natal

Preparação desde 1 de Dezembro

Dia 16 - Novena do Menino Jesus na Capela Senhora das Necessidades às 19H	Dia 29 - Dia da Sagrada Família de Jesus, Maria e José
Dia 20 - Natal no Centro Social Paroquial nas diversas respostas à exceção do Refeitório Social	Na Sé Catedral às 15.30H abertura do Ano Jubilar
Dia 23 - Natal na Cadeia no qual participam o Pe. Nuno, Carmelita e o nosso Bispo com presos e guardas	Dia 1 de janeiro - Dia de Santa maria Mãe de Deus
Ceia dos Sós - No dia 24, às 19.30H no Refeitório Social.presidirá o nosso Bispo	No Tempo do Sagrada Coração de Jesus, às 11H abertura do Ano Jubilar
Missa do Galo - na Igreja Sagrada Família pelas 23.30H	Dia 5 - Epifania do Senhor
No dia 25 - Na Igreja Paroquial às 9.30H	Na Senhora da Peneda às 12H abertura do Ano Jubilar.
Na Igreja Paroquial às 12.00H	Dia 12 - Dia do baptismo do Senhor
Na Igreja sagrada família às 11H Missa Solene	
Na Igreja Sagrada Família às 18.30H	

Ano Jubilar
D. João Evangelista determinou Porta Santa na Sé, no Templo do Sagrada Coração de Jesus e na Senhora da Peneda.

Feliz Natal

Aí está o Natal à porta!
Não queremos que Jesus nasça na manjedoura, mas que Ele nasça de novo no nosso coração aberto a todos os Rostos de Cristo que são os nossos irmãos.

Que este Natal transforme a nossa vida em rostos resplandecentes de Jesus Cristo.

Só dizer-se que os olhos são as janelas da nossa alma. Então, que os nossos olhos deixem transparecer a ternura e a bondade, como os de Cristo, não só para os familiares, mas também para todos os outros, quaisquer que sejam, de um modo particular os mais frágeis: os idosos, os doentes, os pobres, os deficientes, os sem-abrigo, sem teto, os dependentes de muitos e diversificados vícios.

Todos sem exceção têm direito a uma identidade e dignidade que respeitamos, mas sendo a nossa vontade forte para os elevar, não os podemos olhar de cima para baixo, mas, que os nossos olhos acompanhados da nossa atitude, sejam sempre semelhantes aos de Jesus, como quando se sentou à mesa de Zaqueu, quando falou com a Samaritana...

Que esta época que se aproxima nos leve a afastar de nós a capacidade má de apontar sempre os erros dos outros, e não olhar primeiro para os nossos.

Os nossos rostos e os nossos olhos nunca se podem tornar encontro banal e isento de consequências. Devem ser momentos de transformação e conversão e abrimos as portas a todos sem olhar as raças, línguas, políticas ou filosofias, mas como olhando de igual para igual possam provocar o encontro com o outro como se o outro fosse o próprio Jesus que a todos arrebatava. Com as crianças nós descemos para elas nos olharem nos nossos olhos como as contemplamos e reverenciamos com enlevo, pois só elas nos fazem crescer e manter a esperança de uma vida melhor.

Façamos do mesmo modo em relação a desvalidos pondo de lado a nossa vaidade, o nosso orgulho e, na compreensão da diferença, consigamos elevar o que está no chão, na fossa, na lama, sentiremos a felicidade de um dever cumprido

Assim haverá Natal.

Padre A. Coutinho

Paróquia com 57 anos

57º Aniversário da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima
(08-12-1967 – 08-12-2024)

(Continuação na página 1)

paroquial, e em especial durante os últimos 46 com o padre Artur Coutinho como pároco (desde 02-09-1978), fomos capazes de assegurar resposta às mais diversas necessidades espirituais e sociais, com destaque para o “Centro de Dia”, o “Jardim de Infância”, o “Serviço de Apoio Domiciliário”, o “Berço de Nossa Senhora das Necessidades”, o “Refeitório Social” os “Serviços de Inserção Social”, para apoio a indivíduos e famílias pobres, a “Escola de Música”, a “Lojinha Social”, a “Tendinha do Mercado”, a “Biblioteca”, o “CECAN/RD – Centro Comunitário de Apoio ao Necessitado – Recolha e distribuição de roupas, objetos de mobiliário e eletrodomésticos”, para citar apenas alguns dos mais relevantes.

Na recente Carta Encíclica “DILEXIT NOS”, que o Papa Francisco nos oferece, sobre o amor humano e divino do coração de Jesus, há um ponto central relacionado com a comunhão de serviço, cito “212. Não se deve pensar nesta missão de comunicar Cristo como se fosse algo apenas entre mim e Ele. Ela é vivida em comunhão com a própria comunidade e com a Igreja. Se nos afastarmos da comunidade, afastamo-nos também de

Jesus. Se a esquecermos e não nos preocuparmos com ela, a nossa amizade com Jesus arrefecerá. Nunca se deve esquecer este segredo: o amor pelos irmãos e irmãs da própria comunidade – religiosa, paroquial, diocesana, etc. – é como o combustível que alimenta a nossa amizade com Jesus. Os atos de amor para com os irmãos e irmãs da comunidade podem ser a melhor ou, por vezes, a única forma possível de exprimir aos outros o amor de Jesus Cristo. O próprio Senhor o disse: «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).”.

Por ocasião desta efeméride comemorativa do 57º aniversário da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, inspirados pela reflexão do Papa Francisco sobre a comunhão de serviço, façamos esta introspeção em relação à forma como vivemos a nossa fé em comunidade. Estamos próximos da comunidade, preocupamo-nos com os seus problemas ou temos estado mais afastados? Somos reconhecidos como discípulos de Jesus Cristo, na medida em que nos cuidamos uns dos outros, como ele nos pediu?

André Lousinha

A "Carminha do Ferreiro"

Um dia depois de celebrar em festa de família e amigos 105 anos, em 1 de novembro. Eu não pude estar presente, mas um dia depois, isto é, cento e cinco anos mais um dia fui lá fui festejar os 105 anos. É a flor maior da Comunidade Paroquial conhecida popularmente por a "Carminha do Ferreiro".

A Maria do Carmo Sousa nascida em 1 de Novembro 1920 em Santa Maria Maior, Valença, onde viveu até aos 17 anos com os seus pais, Jorge Sampaio de Sousa e de Maria Gomes de Sousa. Quando veio de Valença tinha 17 anos. Ela é conhecida também no vulgo por "Miquinhas do Ferreira" devido à vida profissional do seu marido.



Passo a Passo... (100)

(Continuação na página 2)

entre os judeus pelo mesmo motivo, ela metia sobre a boa via duma reparação d'Auschwitz. Este nome permitia á Igreja de se apresentar amplamente e fraternalmente como um povo que caminha no meio dos outros povos da terra onde partilham o destino e os problemas. Assim, o olhar se renova sobre as outras

confissões e religiões. Dois textos foram publicados: um sobre a relação da Igreja com as outras Igrejas cristãs (declaração sobre ecumenismo Unitatis redintegratio, 1964) e outra sobre as religiões não cristãs (declaração Nostra aetate, 1965).

Continua...

Hélder Gonçalves

Nas mãos de Deus

* **No dia 1 de outubro** faleceu Esmeraldo de Jesus Louro com 87 anos. Era filho de José de Jesus Louro e Maria Nazaré Freitas Carvalho. Deixou viúva a Hermínia de Jesus Costa Louro.

* **No dia 25 de outubro** faleceu em França, Ricardo Filipe Gonçalves Martins com 35 anos. Filho de Isidro José Barbosa Martins e Maria Fátima Ferreira Gonçalves Martins. Era solteiro.

* **No dia 10 de Novembro** faleceu Manuel Fernando Gomes Monteiro com 75



anos. Deixa viúva, filhas, genros, nestos e irmãos.

* **No dia 11 de novembro** faleceu Mário Esteves Rodrigues Pereira com 70 anos. Era filho de José Rodrigues Duarte Pereira e Rosa Esteves. Era viúvo de Aida das Dolores Faria Pires Moreira.

* **No dia 12 de novembro** faleceu Maria da Graça Gonçalves Nunes com 60 anos de idade. Era filho de Fernando Freire Silva Nunes e Albina Gonçalves Teixeira.

* **No dia 25 de Novembro** faleceu Maria João Gonçalves



e convívio será uns dias depois, no mês de outubro. Gosta de passar férias com a sua esposa na sua



ilha isolados ouvindo a música do silêncio e a contemplar a natureza e, esta, não fica longe de casa. São pais de um casal de filhos e são avós. Parabéns.

dos Santos com 86 anos de idade, residente na Cruz das Barras. Era filha de João Lopes Guimarães dos Santos e de Belmira Carreira de Sousa Gonçalves dos Santos

* **No dia 2 de dezembro** faleceu Duarte da Conceição Cunhal Magalhães Marques com 64 anos. Era filho de António Magalhães Marques e Magda do Carmo Conceição Mendes Cunhal Marques.

* **No dia 8 de dezembro** faleceu Irmã Maria da Luz da Encarnação Fonseca com 91 anos.



Descansem e Paz

“Dilexit nos” (Amou-nos)

O Papa publicou no dia 24 de outubro a quarta encíclica do pontificado. “Dilexit nos” (amou nos), em que alerta para um mundo sem «coração», preso ao consumo e à violência.

«Hoje tudo se compra e se paga e parece que o próprio sentido da dignidade depende das coisas que se podem obter com o poder do dinheiro. Somos instigados a acumular a consumir e a distrairmo-nos. Aprisionados por um sistema degradante que não nos permite olhar para além das nossas necessidades imediatas e mesquinhas», escreve o Papa Francisco, num texto dedicado à devoção ao Coração de Jesus.

O Papa sublinha que o amor de Cristo está «fora desta engrenagem perversa», abrindo lugar para o «amor gratuito» e contrariando a lógica da violência «Assistindo a sucessivas novas guerras, com a cumplicidade, a tolerância ou a indiferença de outros países, ou com simples lutas de poder em torno de interesses de parte, podemos pensar que a sociedade mundial está a perder o seu coração», adverte.

«Ver as avós a chorar sem que isso se torne intolerável é sinal de um mundo sem coração», acrescenta o Papa. Além dos ensinamentos de vários pontífices, a encíclica cita Homero ou Dostoievski, reflexões de teólogos, místicos e filósofos, além

de pensadores contemporâneos como Han Byung-Chul. «algoritmo que atua no mundo digital mostra que os nossos pensamentos e as decisões da nossa vontade são muito mais padronizados do que pensávamos. São facilmente previsíveis e manipuláveis.

Não é o caso do coração», indica a encíclica. «Na era da inteligência artificial, não podemos esquecer que a poesia e o amor são necessários salvar o humano», sustenta o Sumo Pontífice. Num texto com 220 pontos, divididos por cinco capítulos, uma introdução e uma conclusão, o Papa Francisco aponta o dedo a «uma sociedade cada vez mais dominada pelo narcisismo e pela autorreferencialidade-, falando numa sociedade anticoração», sem capacidade para «relações saudáveis», o Papa Francisco recorda que, na piedade católica se recorre ao símbolo do coração para «exprimir o amor de Jesus Cristo». Há quem se interroge se isto tem atualmente um significado válido. Porém, é necessário recuperar a importância do coração nos assalta da superficialidade, de viver apressadamente sem saber bem para quê, de nos tornarmos consumistas insaciáveis e escravos de um mercado que não se interessa pelo sentido da nossa existência», observa.”

Convido a todos à leitura de mais um documento que a todos interessa. C.

A Bondade é a Chave do Coração

PARÓQUIA NOVA

Ano XXXII N° 375/376

Novembro/Dezembro 2024

Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

Agência Ecclesia

DIRECTOR :

Artur Coutinho

REDACÇÃO:

Artur Belo e Ilda Carvalho.

PROPRIEDADE E EDITOR:

Fábrica da Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª de Fátima

Rua da Bandeira, 635

Apartado 505

4900-528 Viana do Castelo

Tel. 258 823 029 - 258 824 722

www.paroquiafatima.com

paroquia@paroquiafatima.pt

C. ADMINISTRATIVO:

Albino Ramalho, Armando Sobreiro, José Carlos Loureiro, José Cambão e Artur Belo.

Editor - Fábrica Igreja Paróquia de N.ª Sr.ª Fátima

Rua da Bandeira s/n

4900-528 Viana do Castelo

Cont. nº 501 171 762

ASSINATURA: 10,00 € (Amigo)

PREÇO AVULSO: 1,00 €

IMPRESSÃO:

Gráfica Casa dos Rapazes e Oficinas de S. José

Rua de Stº António s/n

4900-492 Viana do Castelo

TIRAGEM: 600 exemplares

Isento de Registo ao abrigo do artigo regulamentar 8/99 de 9/06, alínea a) do nº 1, artº 12

A frase é de São Vicente de Paulo e reflete a profunda amizade e admiração que ele tinha por São Francisco de Sales a quem conheceu em 1618. A bondade e a mansidão, virtudes tão características de Francisco de Sales, vão tornar-se como programa de vida espiritual que irá impregnar a vida e a obra do Padre Vicente, o Santo da caridade. Era uma norma de vida esta afirmação de São Francisco de Sales que lhe granjeou a simpatia de muitos dos seus contemporâneos: “Se erro, prefiro que seja por excesso de bondade do que por demasiado rigor”. De facto, o excesso de rigor divide e provoca oposição com fundamentos, ao passo que a bondade só aproxima, une e gera consensos.

A Bíblia ensina que a bondade é um dos principais atributos de Deus. Ela está na sua essência. A bondade é uma expressão da sua natureza divina. Deus é intrinsecamente bom e amoroso. É um dos atributos essenciais de Deus, que incessantemente brota do Sagrado e Misericordioso Coração de Jesus.

Em Vicente de Paulo que em tudo procurava imitar, seguir e identificar-se com Jesus, que veio ao mundo revelar o rosto bondoso do Pai, esta virtude molda a sua vida, tornando-o indulgente e próximo de todos.

No Evangelho de São Marcos (10, 17-27) lemos o episódio de alguém, que se aproximou a correr, ajoelhou-se aos pés de Jesus e lhe perguntou: “Bom Mestre o que devo fazer para ter a vida eterna como herança?” Jesus responde: “Porque me chamas bom? Só Deus é bom e mais ninguém”. E depois diz-lhe:

(Continua na página 3)

Um de cada vez

José Domingos Manso Gigante

O Gigante foi sempre um bom amigo e colaborador do Centro Social Paroquial de Nossa Senhora de Fátima. Faço minhas as palavras da Prof.ª Nadir. Ele era mesmo assim para toda a gente!...

“E, muito mais devo a generosidade e amizade do Gigante, em tudo quanto fazia. Numas férias, estando eu ausente do país, a minha casa foi assaltada. Cheguei à noite, ignorando o sucedido. Dormi sossegada. Na manhã seguinte, antes de ir para a Escola fui informada dos amigos do alheio. Apareci na escola incomodada. Logo o GIGANTE, acompanhado de



outro amigo, já falecido, me pediu as chaves, a inutilizar, da casa. Veio a Mazarefes estudar o tipo

de fechaduras a aplicar, comprou as que achou mais convenientes, aplicou, voltou a Escola e entregou as novas chaves, que permitiram que eu vivesse sossegada. São pequenos gestos que fazem um Homem grande, um GIGANTE

Descanse em paz, amigo. Sempre serei muito grata.”

Assim, quando se lhe pedia algo, ele dificilmente dizia que não, às vezes contra os projectos dele, deixava os seus e lá ia ele a uma desfolhada com os idosos, onde fizesse falta animação e alegria com o dar aos foles e o dedilhar do seu acordeão. A.C.

Histórias de Vida

João Martins Arezes

João Martins Arezes nasceu na Abelheira, em 1944, filho de João Martins Arezes e de Maria Augusta Martins Correia. Era irmão do Fernando e do António já falecidos e de José Luís, casado, com geração e a viver na casa dos pais, e irmão ainda da da Vitória, viúva e com geração andou na Escola do Carmo e fez exame de admissão à Escola Industrial para frequentar à noite e, ao fim do 2º ano, desistiu.

Foi trabalhar para a oficina António Rodrigues Matos Veiga na Senhora da Ajuda. Tinha onze anos quando começou. O Veiga era o único que tinha tractores, aqui na zona.

Ele começou a trabalhar com o tractor a malhar espigas para os lavradores da Abelheira, lavrava... Tiravam-se as avecas fora (peças próprias iguais às do arado) que, colocadas no tractor, servem para afastar a terra do rego, afundar, alargar o sulco e virar a terra). Também se punha a malhadeira que era um cilindro dentro de um tubo que era accionado pelo tractor.

O resto do tempo trabalhava na oficina.

Acabou por ir para as oficinas até ir para a tropa e foi para Angola, prestar serviço em Cabinda.

Estava cheio de conduzir sem carta. Ao vir de Angola tirou a carta de motorista de autocarros, camiões

de longo curso e máquinas.

Fez serviço de motorista internacional com camiões. Casou aos 24 anos com Maria de Magalhães Lopes Arezes, de Celorico de Basto. O pai e a mãe dela eram da família do Pego. É pai da Manuela, casada e gestora de uma empresa, a Andreia é professora na Faculdade de Letras no Porto e o mais velho é o João Manuel Magalhães Arezes, de 2 metros e 1 cm de altura, mediador da Companhia de Seguros Allianz. Todos os filhos estão casados e com filhos.

Resolveu muitos problemas de mecânica na estrada e... felizmente chegou sempre bem a casa.

Um dia quando trabalhava para o Cura-Turilis foi fazer um serviço para a Paróquia levando pessoal da comunidade, padres e leigos de outras comunidades para verem o serviço social de Alfena, no Porto.

O João Arezes é um homem que pode ter certo orgulho por ter conduzido uns milhões de quilómetros. Andou sempre ligado aos ferros e às rodas grandes, aos acentos de cavalo e, por fim, nos mais macios, mais modernos. Hoje é tudo ainda mais fácil.

Como era difícil conduzir com neve, frio, chuva e em estradas de montanha. Hoje tudo é mais confortável.

No estrangeiro, na zona Vasca, nas Astúrias, um pneu com a medida de “cem dez”, “cem vinte”, i. é. 1100 ou 1200mm, furou e, sozinho,



estava a mudar o pneu. Era duro, mas com tempo chegaria ao fim. Estava a tratar do assunto depois de ter passado já muita gente... Passou um carro da polícia e um perguntou o que se passava. “Foi o pneu que espichou...” Foi a única vez que viu polícias a pegarem em luvas e ajudar a mudar um pneu.

Às vezes levava fogão e alimentos para cozinhar...Era melhor a sua comida do que comer comida contra os seus hábitos. Cá está ele com 80 anos cheio de vida e bom conversador. Deu a seus filhos o que podia com a sua mulher e também eles foram sempre apumados e cheios de mérito, pois para isso trabalharam.

Maria da Agonia Ramos Lima

Maria da Agonia Ramos Lima, nascida em 1943, filha de José Passos Lima e de Maria Cândida



Ramos Lima, ambos de Alvarães, familiares dos Reis Lima. Muitas vezes foi para a casa dos avós para a aldeia. Era prima do Dr. Lima de Carvalho que foi Presidente do IPVC.

Era irmã de 6 irmãos que já faleceram. Uma delas foi a a Maria

de Lurdes a mais comprometida na Igreja.

Foi presidente da Legião de Maria, leitora e orientadora do Terço. Frequentou a Escola da Avenida até à 4º classe.

Andou na aprendizagem de costura, mas não gostou e deixou. Aos 16/17 anos começou a namorar e conheceu o namorado nas marchas do Bairro Jardim com quem casou. Ele tinha ido a assalto para a França e depois de casada acompanhou-o para a França onde esteve cerca de 9 anos e foi lá que deu à luz dois filhos: Almerinda Maria, casada deu-lhe um casal de netos, ainda solteiros, o Paulo casado também e com dois netos ainda solteiros. É muito amiga dos netos e sente que os netos são seus amigos.

Falava francês, mas desde 1978 que vive no Bairro do Jardim e nunca mais foi a França. Agora terá

algumas dificuldades como é óbvio.

O marido, o Almerindo da Conceição era de Monserrate, faleceu novo, com 60 anos, por motivos de falta de saúde.

A Maria da Agonia também sempre muito praticante e uma amiga da Obra da Igreja Nova, foi uma das ostiárias abrindo portas e fiel guardadora do templo até não poder mais caminhar por falta de saúde até à Igreja da Sagrada Família. É possuidora da chave da Capela do Senhor do Alívio desde 1979, zela a Capela e muitas vezes mantém a Capela aberta. Trabalho que ainda o faz com devoção e esmero.

É mesmo muito responsável e muito respeitada pela gente do Bairro Jardim, de toda a Paróquia em geral que a conhece como uma mulher de bem-querer, sempre muito disponível e voluntariosa.